ANO 14.º

Sabado, 23 de ABRIL de 1921

Numero 671

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—=(*)=—
PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
«Typografia Social», de Procopio d'Oliveira—ILHAVO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54—AVEIRO

OBRAS DA BARRA

—*—

As obras da Barra e da Ria são para Aveiro e concelhos visinhos uma questão de suma importancia.

Os politicos esqueceram-as porque elas não davam votos, os governos abandonaram-as porque elas custavam dinheiro e nós todos, aveirenses, ilhavenses, vaguenses, estarrejenses, ovarenses, todos nós dormimos a sono solto sobre elas, porque descrêmos e gostamos do socego.

A questão agitou-se agora e honra seja a quem a levantou e impôz, porque com isso prestou á nossa terra um grande serviço. As obras da Barra e da Ria só podem ser levadas a cabo por uma junta autonoma que tenha receitas e capacidade bastante para realisar esse grande empreendimento.

E' o caminho seguido hoje em toda a parte. No porto de Lisboa, no porto de Leixões, em Viana, na Figueira, em Setubal, no nosso arsenal etc.

Para Aveiro, segundo nos informam, está concluido o estudo e o projecto em que o sr. Ministro do Comercio tem estado a trabalhar auxiliado por engenheiros tecnicos de reconhecida competencia e que é decalcado no trabalho de dois aveirenses que se teem dedicado apaixonadamente a este assunto.

Estamos certos de que o projeto de lei, criando a Junta Autonoma da Barra e Ria de Aveiro, vai ser apresentado, em bréve, ao Parlamento.

O sr. Ministro do Comercio, que honradamente aqui declarou não fazer promessa nenhuma, se não a de trabalhar na realisação dos melhoramentos que lhe foram pedidos, se apresentar essa proposta presta já um relevante serviço á nossa terra.

Na Ría está o futuro de Aveiro.

Conserva-la e melhora-la é garantir o pão, a vida e a prosperidade dos nossos filhos. Deixa-la perder, como está acontecendo, é praticar um crime, é cortar todo o futuro das nossas populações.

Venha a Junta Autonoma. Façam-se os sacrificios que forem necessarios. Para uma obra como esta de que todos hão de tirar proveito, todos pagarão de boa vontade.

Se não fosse a politica que daqui escorraçou esse grande vulto que se chamava Silverio Pereira da Silva, a quem Aveiro tanto deve, a nossa ria seria hoje um grande manancial de riqueza.

Mas recuperemos o perdido e—senhores que tomaram o caso a peito!—não desanimem.

A casa da Vera-Cruz que combateu e agrediu José Estevam, que agrediu e escorraçou o grande engenheiro Silverio, que quiz impedir que José Estevam fizesse a estrada da Barra, que impediu que o ilustre Silverio Pereira da Silva concluisse o seu magistral plano de obras, que fez perder ao pais e a Aveiro milhares de contos, prepara-se agora para impedir que se façam as obras da Barra e da Ria.

Desagrada-lhes a Junta Autonoma, desagradou-lhes a visita do sr. ministro do Comercio, desagrada-lhes a atividade que alguns aveirenses estão a dispender neste importantissimo assunto, desagrada-lhes tudo o que não seja *bolsa do Firmino* e *politica da Vera-Cruz.*

Nem interesses da cidade, nem do pais, nem da Republica! Tudo para eles é a casa da Vera-Cruz que foi inimiga de José Estevam e de Silverio Pereira da Silva, que quiz meter no hospital as Irmãs da Caridade, que insultou os republicanos do Porto, que tem feito mil tropelias contra os interesses e a consciencia liberal desta cidade e que agora ainda queria travar este grande melhoramento.

Para a frente e que a Associação Comercial, o sr. capitão do porto e todos os que trabalham nesta grande obra, não desanimem.

A opinião publica está do seu lado.

Coragem e ávante!

Dr. Alexandre Braga

Como era de supor, o enterro, no Porto, do grande tribuno da Republica, constituiu uma verdadeira apoteose ao morto ilustre, tomando parte no cortejo todas as classes sociaes, que acompanharam o feretro ao cemiterio de Agramonte, onde ficou enterrado, por entre alas compactas estendidas em todas as ruas do percurso

Produziram-se muitos e sentidos discursos, sendo tão profundo o respeito da assistencia encorporada no prestito funebre, que os representantes da câmara de Lisboa o tiveram de abandonar por se recusarem obstinadamente a seguir de cabeça descoberta.

Afóra este incidente, que era bem melhor ter sido evitado, as manifestações que o Porto realisou no domingo á memoria dum dos maiores vultos da democracia portuguêsa, são das que marcam e lembram pela vida fóra, podendo orgulhar-se o velho burgo das ultimas homenagens prestadas a Alexandre Braga porque foram não só dignas dele como da cidade que lhe foi berço e para sempre vai guardar as suas preciosas cinzas.

Films...

Um rapto

Em Braga, o presidente da Juventude Catolica e membro provincial do Integralismo Lusitano, famoso prégador, que, ainda ha pouco, nos sermões da Soledade, fazia arrancar lagrimas ás beatas já couraçadas em discursos de tal natureza, acaba de desaparecer nas pandas azas do amor com uma rica mulher, sua confessada, produzindo o escandalo, como é natural, a maior sensação na terra dos arcebispos.

Faz-se ideia. Mas hão de ver que o caso não influe nada nem altera os velhos habitos dos que vêem, no confissionario, um meio de alcançar o perdão das suas culpas.

Um padre raptar uma mulher! Se fosse um homem, isso sim, é que era para admirar...

Só?

Relatam os jornaes de larga informação que numa analise a que foi submetida, em França, uma cédula de 50 centimos, se verificou possuir esse bocado de papel imundo nada menos de 70 milhões de bacterias, entre os quaes, agentes de interites, apendicites, septicemias, etc.

Só 70 milhões! Comparado com a porcaria que aí anda em circulação havemos de concordar que na França nascem mais meninos do que microbios...

A nove vintens!

Pois é verdade. Ainda que V. Ex.as não acreditem, a carne, nas proximidades de Porto Alexandre, vende-se atualmente pela bagatela de nove vintins cada kilo!

E um ovo custa 1 centavo ou sejam 10 reis antigos!

Louvado seja Deus! Que fartura! Mas tambem que brutos, que não sabem ganhar dinheiro...

A VIDA

—(*)—

Cada hora que passa mais sombria ela se nos apresenta, como resultado, na sua maior parte, da ganancia insaciavel de quantos nos exploram sem o mais pequeno vislumbre de piedade.

E' publico e geral o conhecimento de que o gado abunda nos mercados e baixou consideravelmente de preço.

E contudo passam semanas sobre semanas e o elevadissimo custo da carne é o mesmo, tendo, todavia, por quasi toda a parte sofrido descida, como no Porto, Coimbra, Santarem, Lisboa, etc.

Aqui, não; e a respeito de quem dê providencias é o mesmo que prégar no deserto.

Se falarmos do pão não temos palavras para condenar a extorsão a que continuámos sugeitos, pagando por 10 centavos o pezo correspondente a 1$80 por cada quilo!

Dizem-nos—porque, francamente, já nos não entendemos com tudo isto—que ha aqui um fiscal, ou quer que seja, dos abastecimentos.

Não caberá a este funcionario intervir neste estado de coisas?

O azeite desapareceu e pelo preço da tabela não conseguimos gota.

Tambem nos disseram que esta falta vem da intransigencia do referido fiscal em não consentir na venda fóra da tabela. Contudo, lá fóra, por toda a parte, sucede o contrario e o azeite aparece.

Porque se não faz entre nós o mesmo?

Já aqui dissémos por mais duma vez que o tabelamento é util quando o govêrno esteja apto a fornecer o genero tabelado em abundancia. Doutra forma o tabelamento é a imediata supressão do genero atingido.

Seja, porêm, como fôr, não vimos nem medidas, nem acção tendentes, ao menos, a melhorar uma situação ha tanto mantida e cada vez muis agravada, especialmente pela exploração vil e desumana dos que se propozeram arrancar-nos a péle depois de nos terem levado a camisa.

AS GRANDES INICIATIVAS

BANCO REGIONAL DE AVEIRO

DR. ALBERTO SOUTO
Director do Banco

Quando em 23 de julho de 1919 surgiu a proposta de trespasse da Caixa Economica de Aveiro com o fim de incorporar esse antigo estabelecimento de credito num banco regional que os proponentes diziam querer fundar em Aveiro, houve um movimento de espanto, de desconfiança, quasi de repulsa.

ANTONIO MAXIMO JUNIOR
Director do Banco

E esse movimento abrangeu-nos.

Estava-se então num periodo de delirio de negocios, pululando por toda a parte os comerciantes milicianos e fantasiando-se riquezas que trouxeram depois crueis desilusões.

Organisar em Aveiro um banco local parecia a quasi todos nós uma fantasia, quasi uma imprudencia em todos os casos um impossivel e as fantasias e as imprudencias nestes assuntos bancarios foram sempre causa dos mais desagradaveis incidentes e dos mais gràves prejuizos.

Todo o cuidado e toda a reserva de opinião eram pouco em face do melindre de tal empreza, e, principalmente em face da operação da Caixa Economica, que era necessario pôr a coberto de qualquer precipitação que afectasse os seus creditos ou fazer-se em perigo a sua existencia.

O arrojo e a inteligencia da iniciativa, porêm, conquistaram simpatias e o programa dos iniciadores, habilmente delineado, desbravava o caminho e aplanava dificuldades.

O fim do ano de 1919 decorreu em discussões. As opiniões dividiam-se e á volta da Caixa Economica cerraram fileiras os defensores das tradições dessa benemerita instituição cujo desaparecimento todos lamentavam.

Em janeiro de 1920, os organisadores do novo Banco, que nada fizera desanimar, nem a desconfiança de uns, nem a má vontade de outros, nem a indiferença do maior numero, querendo provar que a Caixa Economica lhes não era essencial e que a sua vida era viavel e assentava em alicerces firmes, reuniram um grupo de homens de prestigio e fortuna no nosso meio, obtinham os capitais necessarios e constituiam, em sociedade por cotas, o *Banco Regional de Aveiro*, depois de adquirirem a casa Salgueiro & F.os com a sua vasta clientela e as suas valiosas representações.

Os iniciadores do Banco de Aveiro obtinham, assim, um enorme triunfo dando tal prova de qualidades de organisação e mostrando disporem de elementos incontestavelmente capazes de garantirem a vida do novo estabelecimento.

Dentro em pouco o *Banco Regional* começou a fazer sentir a sua influencia na praça, realisando algumas grandes transações e lançando os fundamentos de novas e uteis manifestações de atividade.

E tão feliz e correto é no seu proceder, tão criterioso e ponderado nos seus primeiros passos que logo o cérca uma aura de popularidade e confiança que avoluma os negocios e lhe dá uma fama e um renome que mais facilitam a sua missão.

Estava ganha a questão da Caixa Economica, pois que o novo banco inspirava toda a confiança e a utilidade da operação a favor da beneficencia publica era tão visivel, que todos se curvavam.

O ministerio do Trabalho, depois de um escrupuloso exame e estudo consente e aplaude.

A Caixa Economica de Aveiro, nas condições em que se encontráva, corria risco de fechar as suas portas e o Hospital de Aveiro, sem fundos e sem subsidios, ia fecharse por completo por não ter com que socorrer e sustentar os seus doentes.

O trespasse da Caixa vinha salvar a situação: por um lado reforçava se a Caixa com o capital do Banco; por outro obtinha se para o Hospital um capital de 200 contos que nem no decurso de meio seculo se arrancaria ao egoismo dos nossos ricaços ou ao desmazelo da administração do Estado.

Em concurso publico a Caixa foi adjudicada ao *Banco Regional* que, entregando a quantia de 200 contos, fazia reverter em favor do Hospital da Misericordia um rendimento anual de 12 contos

LIVIO SALGUEIRO
Director do Banco

liquidos, cujos beneficios os pobres e desamparados estão colhendo.

E é de notar—com prazer o dizemos—que no decurso de um ano, a Caixa não só continuou a prestar os mesmos serviços que até aí prestava, mas ainda alargou a sua acção, desempenhando durante a gràve crise que temos atravessado um papel altamente benemerito, salvando, com o seu auxilio, da miseria, da vergonha e da desonra muita familia que a ela tem recorrido em circunstancias aflitivas.

Primando em honrar os seus compromissos, o *Banco Regional* mantave e continua a manter a Caixa perfeitamente autonoma na sua antiga instalação e no seu proprio edificio em cujas salas os retratos de Nicolau Anastacio de Be-

O DEMOCRATA é o jornal republicano de maior tiragem e circulação que se publica na séde do distrito de Aveiro.

"O Democrata,,

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Portugal, ano	1$60
Semestre	$80
Colonias, ano	5$00
Brazil e estrangeiro, ano	10$00
Avulso	$05

Anuncios

Por linha (1.ª pagina)	$40
« (2.ª pagina)	$20
Comunicados	$20

Contagem pelo linometro corpo 8. Permanentes, contrato especial.

tencourt e Sebastião de Carvalho e Lima atestam o respeito pela gloriosa tradição e memoria dos seus ilustres fundadores.

*
* *

Não foi poupado o *Banco Regional de Aveiro* nem pela malquerença dos invejosos desta terra, nem pelas dificuldades com que os bancos de todo o mundo se viram a braços no fim de 1920.

A empreza era grande de mais para uma terra onde ha muita alma mesquinha e pequena.

A iniciativa era arrojada de mais para um meio onde o *não te rales* foi durante muito tempo o melhor evangelho.

Aveiro, sempre acolhedora e hospitaleira para os estranhos e avara e ingrata para os seus filhos, ainda desta vez teve muito quem quizesse destruir essa obra benemerita que o espirito de uma nova epoca e a fé de alguns homens inergicos conseguiram realisar dentro dos seus muros.

A maledicencia deu-lhe varias investidas. A campanha de descredito foi raivosamente tentada varias vezes. O boato venenoso foi posto a circular por varias partes.

Mas impassiveis, confiados e dignos, os homens que dirigiam este já importante estabelecimento resistiram a tudo e a tudo fizeram frente, vencendo as maiores dificuldades e confundindo os seus mais encarniçados inimigos.

E de tal forma o fizeram e se conduziram, que o *Banco Regional de Aveiro* encontrou sempre nos maiores bancos do país o melhor acolhimento, recebeu das mais categorizadas autoridades na materia os maiores elogios e atravessa a crise financeira de cabeça erguida, forte da confiança da sua enorme clientela, sendo hoje uma realidade indestrutivel que é uma empreza prospera e de largo e garantido futuro.

Incontestavelmente isto honra Aveiro, isto nobilita-nos a nós todos, e o *Banco Regional* merece, assim, os louvores gerais, porque é uma instituição que dá brilho á nossa terra e que muito contribue para que a cidade seja considerada e respeitada, como temos tido ocasião de vereficar, pois que um estabelecimento de credito assim orientado e tão importante, é a melhor manifestação de desenvolvimento e de desejo de progredir que uma cidade, como a nossa, pode dar.

Pela parte que diz respeito ao *Democrata*, este jornal congratula-se pelo ensejo que se lhe oferece de assim falar e, inserindo nas suas colunas os retratos dos tres primeiros directores do *Banco Regional de Aveiro*, nada mais pretende do que fazer realçar a grande obra já efectuada á custa de tanto trabalho, de tanta canceira, de tanto dispendio de energia, enfim.

Grève

Os estudantes dos cursos superiores de Coimbra proclamaram a gréve geral por incompatibilidade do 5.º ano medico com o professor dr. Angelo da Fonseca, a quem, num extenso manifesto distribuido por todo o país, fizeram acusações de varia naturêsa, inclusivé a de plagiario.

A população da cidade assiste, impassivel, ao desenrolar dos acontecimentos.

Notas mundanas

Esteve em Aveiro o major de infanteria 14, nosso amigo, sr. Lopes Mateus, que, tendo pertencido ao 24, aqui conquistou inumeras simpatias.

== *Deu á luz um menino a sr.ª D. Natalia Regala Mendonça Calado, esposa do sr. João Calado.*

== *Entrou em franca convalescença, com o que muito nos congratulámos, o ilustre reitor do nosso liceu, sr. dr. Alvaro de Moura.*

== *Acha-se já entregue aos seus afazeres, o sr. Jeremias Vicente Ferreira.*

== *Fez anos o sr. Victor Coelho da Silva, proprietario da* Chapelaria Aveirense.

ASSASSINIO

Em Mira foi no dia 19, ás 11 horas, barbaramente assassinado com uma enxadada na cabeça, que lhe produziu morte instantanea, o sr. João Maria de Miranda Roldão, farmaceutico, politico em evidencia e rico proprietario.

A vitima, quando estudante, frequentou o liceu de Aveiro, tendo praticado durante oito anos na *Farmacia Ribeiro*, onde foi sempre estimado pela sua compostura. Exerceu varias vezes o cargo de administrador no seu concelho.

Os assassinos já estão presos, sentindo a população a maior repulsa pelo barbaro crime revelador, em toda a sua hediondez, dos baixos instintos de quem o praticou.

Pobre João Roldão.

Ao sr. Presidente da Câmara

Em reforço ás nossas considerações expostas no ultimo numero deste jornal, acabâmos de receber a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

Sr. Director de O Democrata:

Tive a infeliz ideia de vir viver para Aveiro julgando que isto era uma terra civilisada e socegada onde se podia habitar. Enganei-me redondamente. Aveiro está insuportavel!

O abuso a que V. se refere no seu ultimo numero de se construirem os tanques dos navios nas ruas do centro da cidade, não se tolerava num sertão africano.

Tenho residido em grandes centros populares, passado muito tempo em pequenas cidades, vilas e aldeias deste pais. Em nenhuma terra era possivel essa monstruosidade de durante mezes seguidos se dar cabo da saude dos habitantes com o infernal barulho que aqui se faz nas ruas mais centrais.

Tenho familia e o suplicio dos tanques *está-se tornando de tal maneira inquietador para a saude de algumas pessoas da minha casa que me vejo forçado a sair de Aveiro.*

Uma criança que tenho sofre um verdadeiro tormento com tal barulho.

Mas em Aveiro não ha policia, nem autoridades, nem Câmara?

Não ha quem tome providencias contra este e outros abusos inadmissiveis que aqui se estão dando?

Pois ha quem esteja disposto a tomar providencias particulares *se isto continuar.*

Neste país ha de haver uma repartição de saude, ou de segurança publica, uma direcção geral, um ministerio, um parlamento ou um tribunal que nos defenda contra esta selvageria que as autoridades de Aveiro consentem sem nenhum reparo, sem estorvo e com o maior desprezo pelos direitos e pela vida dos cidadãos, dos municipes e dos visitantes desta terra.

Outros abuzos parecidos se estão aqui cometendo com o consentimento das autoridades, se é que nesta terra ha autoridades, o que ninguem acredita. Uma canzoada—como se não vê já nas nossas aldeias—vagueia pelas ruas, assalta os transeuntes, morde as crianças, derruba os ciclistas e as autoridades consentem.

O rapazio assula-os contra os pobres, os donos riem-se de os verem perseguir os ciclistas—é um espetaculo divertidissimo!...—e a raiva propaga-se com enorme intensidade, custando rios de dinheiro ao pais na roda do ano.

Mas policia não ha. Guarda municipal tambem não ha. Guarda republicana, quem é que sabe dela?

Governador civil que olhe para este relaxamento nunca mais ha. A camara não vê e a gente tem de fugir daqui e ir para terra onde se possa viver... ou pegar num revolver e fazer policia por conta propria.

Um municipe

O Democrata vende-se em Aveiro no *Quiosque Raposo*, da Praça Marquês de Pombal.

UMA EXPLICAÇÃO

Algumas das pessoas que leram o orgão da *Vera-Cruz* ficaram surpresas pelas biscas que o *Firmino* joga ao Banco Regional que tão amimado tem sido sempre no jornal da grei.

Indagámos o que aquilo queria dizer.

Estava o Regional perdido ou tinha deixado a corretissima linha de conduta que sempre tem seguido e que o tem imposto á consideração de todos, até mesmo dos que no começo duvidaram da sua viabilidade?

Nada disso. O Banco Regional tinha o anuncio dos seus estatutos para publicar. O Firmino julgava-se com direito ao exclusivo dos anuncios do Banco e pediu-o.

O Banco entendeu que, á semelhança do que está fazendo com as suas escrituras, devia distribuir tambem pelos outros jornais o interesse dos seus anuncios e deu-nos o que publicámos no ultimo numero, como tencionava da-lo a mais periodicos.

Mas o *Firmino* foi ao ar e ordenou a campanha contra o Banco e contra a Associação Comercial, porque um dos directores do Banco é, por acaso, presidente da Associação Comercial.

E aí está a explicação da celeuma que os *Firminos* e *Marianos* teem feito.

O' sr. dr. Lourenço Peixinho: veja lá se corta a mamadeira dos impressos e dos anuncios da Câmara, ao homem!

Tem logo contra si o *José*, os *Firminos* e todas as *pessoas de qualidade*...

DESPOJOS

Chegou a Eixo, vindo de Lisboa, o cadaver da sr.ª D. Ismenia de Melo Rego, mãe dos srs. Elio, Fernando e Orlando Rego e sogra do capitão de Mar e Guerra, nosso amigo sr. Jaime Afreixo.

Na igreja matriz foi resada missa de *Requiem*, acompanhada a instrumental e vozes, sendo em seguida o feretro conduzido para o cemiterio da freguesia onde ficou inhumado.

A' familia dorida e nomeadamente ao sr. Jaime Afreixo a expressão do nosso sentimento.

Duelo

Por causa do incidente occorrido em Espinho entre o dr. Manuel Alegre e o sr. Governador Civil do distrito, caso a que aludimos no ultimo numero, corre seus termos uma pendencia de honra cujo desfecho se aguarda nos primeiros dias da semana que entra, com certa anciedade.

E' que os antagonistas deverão encontrar-se e trocar dois tiros cada um—sem resultado...

CONFERENCIAS

Promovidas pela direcção da Associação Comercial e Industrial de Aveiro deve, brevemente, iniciar-se, nesta cidade, uma série de conferencias sobre melhoramentos locaes afim de interessar toda a população que trabalha, que pensa e que vale na obra de resurgimento da nossa terra, em que aquela colectividade anda empenhada e á qual, desde já, oferecemos o concurso de *O Democrata*, colocando-nos incondicionalmente ao seu dispor para o que houver de ser tratado na imprensa, de publico beneficio ou conveniencia regional.

Falta de trocos

Depois que recolheram ou se inutilisaram a maior parte das cédulas da Câmara, não voltou a haver possibilidade de se conseguirem trocos o que dá em resultado os comerciantes levarem muitas vezes mais do que devem pelos artigos que vendem.

E aqui está como o Estado é o primeiro a contribuir para o encarecimento da vida por não cuidar a sério da questão e resolve-la com a urgencia devida.

Sempre os mesmos...

Os senhores teem lido o *Camaleão*? E' dificil arranjar um exemplar porque os assinantes são rarissimos e os *amigos da casa* são cada vez mais raros. Mas leiam. Nós temo-nos divertido imenso com ele. A sorte que o homem deu por não ir ao almoço do Ministro do Comercio!

Os outros pagavam e ele comia.

Ele e a familia e os *amigos da casa*.

Firmino, pai, que é tio do sr. Barboza de Magalhães; Firmino, filho, porque é contador em Estarreja; Firminito mais novo porque é estudante, Silverio de Magalhães porque é tio, Pereira da Cruz porque é cunhado e assim por diante.

Tudo pessoas de *qualidade* que os que pagaram o almoço do seu rico bolsinho tinham obrigação de convidar. E como não convidaram a familia toda da Vera-Cruz, que é tão numerosa que só ela comia o almoço todo, os *Firminos* deram uma sorte terrivel.

E pedem satisfações: «Hão de nos dizer porque é que não nos chamaram para o almoço estando nós tão habituados a comer bem!

Hão de pagar cara ao ousadia. Nós somos os Firminos! Nós somos os representantes da casa da Vera-Cruz que até a monarquia repeliu apezar do mastro azul e branco, do numero do D. Manuel e do odio contra os republicanos quando foi da excursão ao Porto.

Hão de saber a quem a fizeram!

Nós somos os *Firminos*, pessoas de *qualidade* e *luva branca* que mandamos na Republica, que temos a Republica no papo, que puzémos a Republica ao serviço da nossa casa e que damos licença aos outros para serem republicanos.

Hão de pagar tudo quando o José vier!»

Ora se os Firminos tivessem ido ao almoço, comer e não vêr como nós fômos e como foi muita gente, a visita do sr. ministro do Comercio tinha sido importantissima.

Mas assim foi... uma especulação politica.

Ora se lá havia alguem com politica eram os democraticos. Lá estava o governador civil, sr. Mendonça, que para aqui veio fazer a politica democratica... da casa da Vera-Cruz e que se tem conservado fiel ás ordens do sr. Firmino.

Mas o que os *Firminos* queriam era papar o almocinho e que os outros pagassem ...os trinta escudos de cada bico.

Os Firminos e mais *pessoas de qualidade* que os servem—e *que fazem o favor de serem amigos da casa*—são insubstituiveis!